

A QUESTÃO DESSE SUJEITO

Alexandre Costa*

Resumo: Este ensaio busca trazer à luz o percurso e a vertente teórica da obra de João Wanderley Geraldi, seja no exame de uma possível clivagem entre o educador e o teórico, seja da dialética dessas duas posições de sujeito. Para tanto, recorre à noção de sistema de dispersão foucaultiana, assim como a um esboço historiográfico retirado de entrevistas com o estudioso.

Palavras-chave: J. W. Geraldi; Estudos bakhtinianos; Arqueologia; Historiografia.

THE QUESTION OF THIS SUBJECT

Abstract: This essay seeks to bring to light the trajectory and theoretical aspect of João Wanderley Geraldi's work, whether by examining a possible cleavage between the educator and the theorist, or the dialectic of these two subject positions. To do so, it uses the notion of Foucauldian dispersion system, as well as a historiographical sketch taken from interviews with the scholar.

Keywords: J. W. Geraldi; Bakhtinian studies; Archeology; Historiography.

Introdução

Uma consciência real, para ser unitária, deve refletir em si a sistemática unidade da cultura junto com um apropriado coeficiente emocional-volitivo, que pode ser simplesmente colocado do lado de fora dos colchetes com relação a cada domínio de cultura dado. (Bakhtin em *Para uma filosofia do ato responsável*).

Este texto é um ensaio despretensioso cujo objeto é tarefa um tanto artificial de separar o trabalho teórico de João Wanderley Geraldi de sua vida de militância na educação. Afinal, o *pensamento participante* que animou a organização de *O texto na sala de aula*, cujos 40 anos se comemoram neste volume, também é, como se verá, fruto e fonte de sua jornada teórica.

Devo adiantar que tal tarefa será incompleta, inconclusa e precária, não apenas pela densidade e extensão dessa jornada de um herói que tanto poderia ser o de Bakhtin como o de Campbell, mas também porque eu a reparto e seleciono do meu lugar único e inescapável, de onde dou esse acabamento a uma clivagem que, de fato, não existe.

A questão *desse sujeito*, parodiando o título de um artigo seu, e antecipando a conclusão que virá, é que desde sempre, e antes de saber dizê-lo, ele era prisioneiro do *ato integral*, incapaz de não ser responsável e responsivo. Condenado à falta de álibi.

1 O bakhtiniano respondente

Há alguns anos já que a obra do Círculo de Bakhtin tem sido objeto de grande polêmica sobre autoria, sobretudo em relação a um membro de seu círculo, V. N. Volochínov. Novas traduções feitas diretamente do russo ao português têm substituído outras vindas do francês ou de outras línguas e novos textos e documentos do Círculo de Bakhtin também têm surgido com frequência. E este fenômeno tem posto em grande evidência o contexto de recepção inicial das obras do Círculo em nosso paísⁱ.

Exemplos disso são as várias novas traduções feitas diretamente do russo e publicadas em separado, dentre as quais está o texto *Os gêneros do discurso*, que antes vinha como capítulo de *Estética da criação verbal* vertida do francês, ou o aparecimento de um texto fundamental, *Para uma filosofia do ato responsável*, que não havia sido publicado ainda. Outro caso, são as traduções de novos textos de Volochínov, alguns diretamente do russo e outros da comparação de mais de uma tradução de outros idiomas. Também como exemplificação, outro movimento nesse sentido é o livro *A construção da Enunciação e outros ensaios*, com tradução e introdução do “reconhecido bakhtiniano”, nosso *sujeito-objeto*, João Wanderley Geraldi.

Ora, a quem conheça o estudioso causaria espécie o uso de aspas acima, mas esse é o primeiro “nó” que queremos dar nessa exploração desse “sujeito teórico”, uma sombra sempre voraz do “reconhecido professor”. Todos sabem que Geraldi é um profundo conhecedor e comentador das obras do Círculo de Bakhtin, mas também como muitos não o sabem, ele foi colaborador e interlocutor de Paulo Freire por muitos anos e até a morte desteⁱⁱ. E nesse sentido, no momento em que os estudos bakhtinianos já estabeleceram o que veio a chamar-se de Análise Dialógica do Discurso, lemos em outra obra de Geraldi, *Ancoragens: estudos bakhtinianos*, na introdução de um denso capítulo

intitulado “Sobre a questão do sujeito”, a seguinte explicitação da sua relação com a teoria (Geraldi, 2010, p. 133):

Ainda que este texto tenha sido escrito para um livro com estudos bakhtinianos, apresso-me a registrar que estas anotações não pretendem dizer o que realmente Bakhtin e seu Círculo disseram. Em meus estudos dos textos do Círculo procuro extrair uma forma de pensar e assumo que, acompanhando a teoria tal como a compreendi, nenhum leitor comparece aos textos desnudado de suas contrapalavras de modo que participam da compreensão construída tanto aquele que lê quanto aquele que escreveu, com predominância do primeiro porque no diálogo travado na leitura o autor se faz falante e se faz mudo nas muitas palavras cujos fios de significação reconhecidos são reorientados segundo diferentes direções impostas pelas contrapalavras da leitura.

A escolha deste excerto, evidentemente, deve-se a sua explicitude e simbolismo, uma vez que se sabe que durante sua longa carreira acadêmica Geraldi foi, sem dúvida, um militante da formação de professores, um pesquisador propositivo da educação e do ensino de língua portuguesa. Como organizador de *O texto na sala de aula* (1984) e autor de *Portos de passagem* (1991), teve um importante papel na reorganização do ensino de língua portuguesa no Brasil na passagem do final da ditadura para o atual período democrático. Recorrendo a uma pitada da crítica documental foucaultiana, em termos de *formação de modalidades enunciativas*, este é um típico e exemplar caso de um acadêmico que se dispersa em diferentes posições de sujeito, em esferas distintas e com propósitos e objetos diferentes nesse encontro precoce dos dialogismos freiriano e bakhtiniano:

As posições do sujeito se definem igualmente pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos: ele é sujeito que questiona, segundo uma certa grade de interrogações explícitas ou não, e que ouve, segundo um certo programa de informação; é sujeito que observa, segundo um quadro de traços característicos, e que anota, segundo um tipo descritivo; está situado a uma distância perceptiva ótica cujos limites demarcam a parcela de informação pertinente [...] (Foucault, 2002, p. 58).

Cabe salientar que os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998) buscam em sua obra a formulação que se propunha

a superar o ensino tradicional de gramática, ainda que contradigam o que preconizava o autor quando consideram o texto como a unidade fundamental de ensino, e não as práticas languageiras. Aliás, este é o segundo nó dessa discussão. Mesmo que o documento oficial preconizasse o trabalho com os gêneros discursivos, de fato mantinha-se numa abordagem textual, e quando dizemos ‘textual’ queremos dizer o nível mais alto da línguaⁱⁱⁱ e ainda abaixo dos gêneros e das práticas discursivas. Estava montada e pronta a dispersão teórica que convocou linguistas de várias abordagens a explicar o que eram ‘gêneros discursivos’, e que permitia que se levasse a discussão para lá e para cá de acordo com interlocutores e circunstâncias.

Digamos, então, que estamos diante do “terceiro nó”. Além da questão das posições de sujeito na formação de modalidades enunciativas, no âmbito da *formação de conceitos*, temos aqui um exemplo do imbricamento de “formas de sucessão” e de suas “diversas disposições das séries enunciativas” e “os lugares institucionais” de onde provêm os enunciados acerca do ensino de língua portuguesa (Foucault, 2002, p. 63; 57). Evidentemente, estão em um documento oficial, mas que já é permeado por relações intertextuais complexas, contraditórias e complementares de origens teóricas diversas, ao ponto de fixar o texto como unidade de ensino e fixar os gêneros como modo de procedimento didático. E, como já mencionamos, ao convocar diferentes ramos de estudiosos da linguagem para processos de formação docente, abre-se o caminho para novas e diferentes formas de sucessão e disposição no processo de recepção das novas diretrizes ao longo dos anos seguintes. Serão os cursos de formação continuada, as publicações de materiais paradidáticos oficiais ou acadêmicos ou mesmo o ingresso dessa “caixa de pandora” no meio dos estudos e eventos acadêmicos.

Tendo em vista esse quadro, sabedores de que se iniciava uma jornada “intersubdisciplinar” na atenção da demanda da explicação dos gêneros discursivos, que em algum momento se tornariam definitivamente ‘gêneros textuais’, é preciso retomar o tema principal da seção, a relação entre os dialogismos de Freire e Bakhtin, que antecedem e já dialogavam antes deste momento. Daí, começamos a falar do Geraldi teórico neste contexto turbulento, nessa produção de uma nova síntese (os PCN), que seriam inclusive renegados por ele.

O que se quer mostrar é o papel desse sujeito teórico no modo como a recepção de Bakhtin vai ao encontro da influência do pensamento freiriano, seja pelo escopo de atuação dos acadêmicos, seja pela circunstância teórico-epistemológica de uma relação em disposição conceitual em uma 'forma de coexistência' que varia entre estar ora em um 'campo de concomitância', ora em um 'campo de presença':

A configuração do campo enunciativo compreende, também, *formas de coexistência*. Estas delineiam, inicialmente, um *campo de presença* (isto é, todos os enunciados já formulados em alguma outra parte e que são retomados em um discurso a título de verdade admitida, de descrição exata, de raciocínio fundado ou de pressuposto necessário, e também os que são criticados, discutidos e julgados, assim como os que são rejeitados ou excluídos); nesse campo de presença, as relações instauradas podem ser da ordem da verificação [...] experimental, da validação lógica, da repetição pura e simples, da aceitação justificada pela tradição e pela autoridade, do comentário, da busca das significações ocultas, da análise do erro; essas relações podem ser explícitas (e, por vezes, formuladas em tipos de enunciados especializados: referências, discussões críticas) ou implícitas e introduzidas nos enunciados correntes. [...] Distinto desse campo de presença, podemos descrever um *campo de concomitância* (trata-se, então, dos enunciados que se referem a domínios de objetos inteiramente diferentes e que pertencem a tipos de discurso totalmente diversos, mas que atuam entre os enunciados estudados, seja porque valem como conformação analógica, seja porque valem como princípio geral e como premissas aceitas para um raciocínio, ou porque valem como modelos que podemos transferir a outros conteúdos, ou ainda porque funcionam como instância superior com a qual é preciso confrontar e submeter, pelo menos, algumas proposições que são afirmadas) [...]. (*grifos nossos*) (Foucault, 2002, p. 64).

Este é um momento que me interessa porque põs à prova o amálgama do militante da educação e do teórico inveterado, mesmo que para isso tenha que ter usado tanto da arqueologia foucaultiana que provoca certa náusea em nosso sujeito sob exame. O fato é que o segundo sempre vicejou sob a interpelação do primeiro, e assim seguiu mesmo agora quando já os parâmetros se foram e vivemos sob o jugo da BNCC. Algo fácil de se mostrar ainda que de modo rarefeito e absolutamente aleatório, recuperando a pré-história do intelectual atual que todos conhecemos.

2 Um pouco de historiografia: a interpelação pedagógica do acadêmico

Aos dezenove anos de idade, Geraldi, já funcionário concursado do Banco do Brasil, técnico em contabilidade e estudante de direito é “convidado” a ser professor de ginásio no turno noturno, e aceita, em suas próprias palavras, por vaidade. Primeiro na disciplina de Geografia, depois na de Língua Portuguesa. No português começa com o ensino gramatical; descontente, passa a estudar a ‘língua’ na literatura; e, descontente novamente, resolve trazer textos diversos para a sala de aula, datilografados e mimeografados por ele mesmo. Pronto, se quiserem, aí está, pela primeira vez, a semente de *O texto na sala de aula*, animada por um guri-professor, talvez extraída parcialmente de experiências escolares anteriores, mas com um elemento constante: a atenção à resposta de seus alunos.

No já citado sistema de dispersão a que fiz alusão acima, há também o militante católico e operário que lia os paradigmas da doutrina da Teologia da Libertação e outras no segundo grau ainda^{iv}, logo renegadas, que tem contato com Marx e que na Faculdade estuda filosofia do direito, direito administrativo, economia. O mesmo que à noite leva seus alunos para lerem literatura na biblioteca municipal. Sujeito inquieto que não para de inventar moda e que nesse período começará a tomar a decisão de se tornar professor. Se aceitara a função por vaidade, agora talvez ou com certeza já havia uma certa convocatória cuja qualificação não me atreverei a fazer tamanhas as invenções e reviravoltas inventadas nesse curto período na escola.

Já afastado da militância católica e militante clandestino da esquerda, atende a demanda do partido de ingressar em cursos de licenciatura. Terminando o curso de direito pede, então, remoção de São Luiz Gonzaga para Santo Ângelo para cursar Letras. Segue lecionando e forma-se em Letras, já decidido a abandonar a vida de bancário e tornar-se professor. Nesse movimento, transfere-se para a cidade de Ijuí e é contratado pela Faculdade de Ijuí, em 1975, uma instituição da esquerda católica, já com a condição de ser liberado para o mestrado no ano seguinte. Tudo decidido, entra em licença prêmio e férias e vai, pela primeira vez desde seus quinze anos, virar estudante de novo. É o acadêmico que conhecemos que começa a nascer.

Vai então, com uma bolsa vinda da Alemanha, ter uma vida universitária na Unicamp. Em lugar de fazer as disciplinas básicas, faz 40 créditos já pensando em seu retorno como professor. É preciso dizer, no entanto, que essa é a versão de Geraldi. Outra seria uma vocação teórica inveterada, à qual tudo interessa. Também nesse período, levava a tiracolo um projeto de pesquisa sobre decisões e condenações cujo escopo seria ideológico. No entanto, logo descobriria que no contexto do curso de linguística não havia espaço para tal estudo.

Mas há os acidentes. E numa disciplina de sintaxe gerativa Geraldi tem contato com o livro de Augusto Ponzio sobre Chomsky e ideologia, sobre o qual apresenta um seminário (uma vista externa do autor como membro da nova esquerda norte-americana). Ato contínuo procura o professor Carlos Vogt para buscar orientação em semântica argumentativa e, ao mesmo tempo, tropeça em uma edição argentina de *Ideología e filosofía del lenguaje*, de Volochínov. Desse encontro surge o primeiro curso na Unicamp sobre uma obra do Círculo de Bakhtin. E tropeços à parte, em encontros com o propósito de orientação para seu projeto de dissertação, recebe a notícia de que na linguística não haveria metodologia para seu projeto. Resultado, veio disso uma dissertação sobre os enunciados condicionais. Era preciso fazer o que fosse necessário, mas não posso deixar de lembrar novamente que estes poucos desencontros mencionados aqui fazem parte daquela dispersão citada no começo do ensaio e que continua a produzir acúmulos. Nesse estudo pragmático, semântico e já enunciativo, emerge uma nova categoria chamada de condicional 'dialógica'. Nem Volochínov, da edição argentina, nem Bakhtin, da edição inglesa, são citados, sob a ameaça constante da ditadura, mas, convenhamos, a dialogia estava posta nas frinchas do trabalho. Aqui sim se pode ver um sujeito teórico mais descolado do educador, ainda que não do militante mesmo que camuflado.

Defendido o trabalho, Geraldi volta para Ijuí para trabalhar na faculdade que era uma instituição de esquerda ainda, mas já com o convite de ficar como professor da Unicamp. Cumpre seus dois anos de liberação e, finalmente, volta à Campinas e assume como professor. É uma nova fase, a saída de uma faculdade comunitária com identidade ideológica, que lhe foi formativa, para um ambiente acadêmico de excelência, mas não exatamente identificado com o perfil do professor que recebia. Na verdade, foi ainda nos cursos de extensão no

Rio Grande do Sul, como professor da Fundação que surgiram os tópicos de *O texto na sala de aula* de modo mais estruturado. Uma pergunta simples de participante de um curso: “tudo bem, entendemos a teoria, mas o que é que a gente faz em sala de aula com os alunos?”. A resposta foram os tópicos do livro como unidades de enunciado e enunciação. Novamente, outro ponto de nascimento de *O texto na sala de aula*. O restante é bem mais recente e deve aparecer em outros textos aqui conjugados. Vou apenas dar pinceladas finais no percurso que mal recorto e exponho sempre à guisa de tensão.

3 A abertura da vida acadêmica plena

Já na década de 1980, Geraldi passa a viver o contexto de uma universidade pública, com todos os seus recursos e sem a pressão de ter de lecionar o conjunto de disciplinas que lhe ocupava todo o tempo na Fundação de que viera. Era preciso apresentar seu projeto de doutoramento e, por sequência da dissertação, sua ideia inicial gira em torno da questão das possibilidades de análise da disjunção no português, ainda dentro da semântica. Volochínov vivia apenas nas eletivas que lecionava na graduação, mas o pesquisador avança por via própria na leitura de outras obras do Círculo de Bakhtin, de modo paralelo ao seu trabalho como professor de semântica, que era a tarefa que lhe cabia.

Como já havia feito quase todas as disciplinas do programa de pós-graduação no mestrado, restam-lhe poucas opções. E numa dessas, de Linguística Aplicada, Geraldi apresenta como trabalho final o formato primeiro de dois capítulos daquelas ideias que haviam surgido no curso de extensão que eram o esboço de *O texto na sala de aula*, as quais envia para a Faculdade de Ijuí e que saem num caderno da Fidene (o terceiro aparecimento do livro, mesmo que parcial). Apesar de ser professor de semântica, de ter um projeto de doutoramento em semântica, eis que o pêndulo teórico devolve ao passado a teoria daquelas formações.

No presente, divide-se em duas grandes atividades. Como professor da graduação, segue como militante do movimento docente e como estudioso de Bakhtin que leciona suas derivas na graduação nas eletivas possíveis. Como doutorando, esboça os primeiros apontamentos da discussão da questão sobre a disjunção e procura o professor Rodolfo Ilari, que não o aceita e o envia ao

professor Carlos Franchi. E vai nadando do formalismo à enunciação, depois ao discurso e sempre se alimentando de Bakhtin (nessa época, lê *A arqueologia do saber*, que, como já dissemos, hoje é rejeitada...). O esboço do projeto de tese sobre a disjunção naufraga, é abandonado e vai para a geladeira. Começa aí um longo período de cursos de extensão pelo país inteiro, de publicações sobre temas específicos sob encomenda, como *Semântica* e *O texto na sala de aula*, cujo sucesso é estrondoso. Serão nove anos de peregrinação do ‘formador de professores’ e de aparente congelamento do ‘teórico’.

Mas como todo mal sempre acaba e tudo que é bom nunca dura, veio a chamada para terminar a tese, cuja redação durou 40 dias. O trabalho se tornaria o livro *Portos de passagem*, sem o capítulo sobre sociolinguística. Digamos que a redação da tese durou os tais 40 dias, mas sua produção, repleta de abundante erudição linguística, vinha sendo acumulada não apenas nos nove anos de “geladeira”, mas numa cadeia de produção de leitura e escrita, com diferentes propósitos que sempre permeou a militância pedagógica de Geraldi.

Nas duas décadas que separam *Portos de Ancoragens*, Geraldi não abandona esse magistério de vanguarda, digamos assim. Há uma demanda que não cessa, mas que, paradoxalmente, não acompanha o refinamento teórico de seu trabalho. Processo para o qual escolhemos “A questão do sujeito” como exemplo máximo, mas que poderia ser acompanhado de “A diferença identifica. A desigualdade deforma”, onde se leem sínteses explicativas de partida para derivas e verticalizações ímpares (Geraldi, 2010, p. 105-106):

Sem dúvida alguma, o pensamento bakhtiniano alicerça-se em dois pilares: a alteridade, pressupondo-se o Outro como existente e reconhecido pelo “eu” como Outro que não-eu, e a dialogia, pela qual se qualifica a relação essencial entre o eu e o Outro. Evidentemente, assumir a relação dialógica como essencial na constituição dos seres humanos não significa imaginá-la sempre harmoniosa, consensual e desprovida de conflitos. Estes são os princípios gerais de toda a arquitetura do pensamento de Bakhtin e não serão aqui retomados, mas assumidos como axiomas.

A questão do sujeito é a chave entre as noções de estrutura e acontecimento, e no artigo aqui já referido, Geraldi desmonta a assunção de que seja o sujeito cartesiano que habita o Círculo de Bakhtin. Mas também, neste excerto acima, está a mesma postulação em síntese para quem queira entender,

com o requinte de usar palavras proibidas em grupos bakhtinianos como “axioma” ou a advertência de tomada de “dialogia” em senso comum rasteiro. Não vou resenhar aqui o texto, que deve ser lido, mas vou entregar sua chave, porque define também esse sujeito que, sim, resumo^v. Trata-se de um sujeito responsável, consciente, respondente, incompleto, inconcluso, insolúvel e datado.

Palavras finais

Durante alguns anos, Wanderley escreveu, a meu convite, no “Blog do Geraldi”^{vi}. Foram mais de mil textos, um texto perfeito por dia. Eram crônicas políticas, republicações de seus artigos científicos, resenhas literárias. Algo inacreditável para mim que era seu editor. Sua erudição histórica, política, científica, literária chegava a ser constrangedora. E este foi um período muito pequeno da sua carreira, insuficiente para publicarmos todos os seus artigos, uma meta que eu tinha.

Este texto errático e tantas vezes desnivelado foi escrito com a colaboração da professora Mara Emília Gomes Gonçalves, que organizou uma série de entrevistas com o professor Geraldi, muito mais abrangentes do que se pode ler aqui, e participou do diálogo que lá está. Muitas partes deste ensaio vêm das entrevistas. Outras não, são literalmente cortes verticais meus na leitura sistemática dos escritos de Geraldi e, sobretudo, do seu modo de pensar.

Como aluno, tive de ler *Portos no estágio*. Como professor de estágio uso esta obra e *O texto na sala de aula com meus alunos*. Mas como professor da pós-graduação, há muitos anos, começo meu curso com o artigo “A questão do sujeito” que, como já foi dito, inspira este ensaio pelos motivos que já expusemos, mas se me é permitido ser tão repetitivo, revela o teórico que aqui perseguimos.

Notas

* UFG - *E-mail*: alexandrecoستا@ufg.br

ⁱ A esse respeito ver BRAIT, Beth.; PISTORI, Maria Helena Cruz. (2020).

ii Veja-se, por exemplo, esta publicação: GERALDI, João Wanderley. Paulo Freire e Mikhail Bakhtin. O encontro que não houve. In: FERREIRA, N. S. de A. (Org.). *Leitura: um conserto*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003.

iii O texto como nível mais “alto da língua” é uma unidade de relações frásticas e interfrásticas, sequências tipológicas e linguísticas, e suas hierarquias lexicais, com seus meios e modos de coesão e coerência.

iv Na verdade, durante o ensino médio Geraldi tem uma intensa militância como líder do movimento estudantil católico que culmina em 1964 com a chegada do Golpe Militar, que contribui para seu afastamento que já vinha ocorrendo por discordâncias doutrinárias. Há então, pelo contato com alunos operários uma aproximação e seu ingresso no PCdoB que vai de 1966 até 1969.

v No bom e no mal sentido.

vi <https://blogdogeraldi.github.io/#>

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro e João Editora, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

Brait, B., & Pistori, M. H. C. (2020). Marxismo e filosofia da linguagem: a recepção de Bakhtin e o Círculo no Brasil. **Bakhtiniana. Revista De Estudos Do Discurso**, 15(2), Port. 33–63 / Eng. 33.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

GERALDI, João Wanderley. Sobre a questão do sujeito. In: **Ancoragens: estudos bakhtinianos**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.